

...NO RESTO PENSO EU!



Falar de Mestra Tecla é como fazer memória da própria mãe. E a Primeira Mestra Tecla foi para mim não apenas a superiora geral a quem se devia respeito, obediência e docilidade nas orientações, mas “a mãe”, uma mãe que compreendia as capacidades e as fragilidades das pessoas que a Providência lhe confiava.

A minha vida religiosa paulina foi profundamente marcada pela sua sensibilidade e grande humanidade. Conheci a Primeira Mestra Tecla nos anos da minha formação em Roma, quando passava visitando os grupos e as repartições do apostolado; amavelmente se detinha para breves saudações carregadas de afeto materno, aberta à escuta e à partilha das nossas experiências. Com seu modo simples de ser, decidido, espontâneo e acolhedor, infundia serenidade e confiança. Amava as recreações alegres, animadas; sabia entreter-nos com frases humorísticas, com piadas e com pequenos jogos; ria espontaneamente e as belas risadas revigoravam o corpo e o espírito.

Sua grande alegria era manifestada, também, no dia da vestição e da profissão, saudava e abençoava as jovens “irmãzinhas”, prontas para serem enviadas nas várias atividades apostólicas. Também naquelas ocasiões a sua alegria era repleta de gratidão e reconhecimento ao Senhor.

Pessoalmente experimentei a sua grande humanidade quando fiquei doente. Eram tempos em que a seleção era realizada escrupulosamente e com muita facilidade não era permitido, a muitas jovens, continuar na vida paulina. Também eu corri esse risco! Mas, não obstante a saúde precária, Mestra Nazarena me permitiu completar o ano de noviciado canônico, mesmo não tendo sido logo admitida à profissão.

Durante os exercícios espirituais antes da profissão, encontrei a Primeira Mestra em Ariccia. No diálogo que tivemos, ela se informou sobre minha saúde (da qual ela já tinha conhecimento); fez-me algumas perguntas e me tranquilizou com estas palavras: «Não se

preocupe, reze. Por enquanto, faça sua profissão no coração, depois eu pensarei nisso. Por enquanto, faça aquilo que Mestra Nazarena disser».

Fui a última noviça a ser recebida pela Primeira Mestra, porque à noite retornou para Albano, onde começaram a manifestar-se nela os sinais de espasmo cerebral, primeiros sintomas da trombose. Durante aqueles momentos de sofrimento, repetia sempre «Pobrezinha, pobrezinha, mas se realmente não é possível, paciência!», aludindo ao nosso diálogo, a não admissão à profissão por causa das minhas condições de saúde. Particulares, estes, que eu vim a saber por Mestra Nazarena e por Mestra Constantina, superiora da comunidade.

Havia concluído o noviciado e, enquanto as minhas conoviças se preparavam para a profissão religiosa, Mestra Nazarena me acompanhou a Albano (onde ainda me encontro) para fazer tratamento. E foi justamente nessa casa que tive oportunidade de vê-la seguidamente e de gozar de sua presença. Ela, a esse ponto, falava pouco e com dificuldade, mas o seu olhar vivo e penetrante deixava transparecer a sua força interior, a sua sede de santidade, a sua viva participação na vida da congregação.

Sentada no terraço perscrutava o horizonte exclamando: «Oh! Lá longe, além daquele mar, tantas Filhas estão empenhadas no apostolado, quanto bem fazem, que o Senhor as abençoe!». Ou então, fixando as estrelas, repetia: «Estas estrelas são as mesmas que as Filhas veem em muitos países distantes», e recitava jaculatórias, pedindo luz, força e graças para todas.



Quando a saúde lhe permitia, visitava as doentes em seus leitos e para todas tinha um sorriso, uma palavra de encorajamento e de conforto, também para as irmãs de outras congregações, sem distinção, éramos como uma única família, e ela era a Primeira Mestra de todas. Participava ativamente das recreações que as doentes organizavam. E era rodeada não apenas dos cuidados a ela necessários, mas por tanta atenção e afeto. O Primeiro Mestre vinha seguidamente, permanecia com ela, celebrava a Santa Missa, fazia a meditação e visitava as doentes. Com o Fundador, tive também a alegria, em Albano, de acolher Paulo VI.

Não obstante todos os cuidados, chegou o momento em que sua peregrinação terrena chegava ao fim e ela, serena e compos-

ta em seu leito, com a bênção do Primeiro Mestre, pronunciou o seu último “eis-me”. O seu grande coração, repleto de amor e ternura e rico de iniciativas apostólicas, parava de bater.

Por experiência própria, por isso, desejo testemunhar a ação da Primeira Mestra na minha vida, desde quando, no encontro em Ariccia, pronunciou a frase «no resto penso eu».

Ela pensou realmente na minha história vocacional, não obstante as muitas dificuldades e tentativas. Depois de um ano fui admitida à profissão, e Mestra Nazarena me ofertou a cartela com o nome “Maria Tecla”, como sinal de reconhecimento à pessoa e a obra da Primeira Mestra.

*M. Tecla Ferrante, fsp*